

## CONCEITO DE CONVERSÃO NO PENSAMENTO DE JOSÉ COMBLIN

### CONCEPT OF THE CONVERSION IN THE THOUGHT OF JOSÉ COMBLIN

*Paulo Cappelletti\**

#### RESUMO

No presente artigo sobre o tema “Conceito de Conversão no pensamento de José Comblin”, procurei desenvolver o conceito do tema proposto. A metodologia adotada na coleta de dados foi de uma pesquisa bibliográfica. O questionamento que norteou este texto foi: qual o conceito de conversão no pensamento de José Comblin? Com as respostas obtidas foi possível desenvolver a primeira parte sobre o conceito de Reino de Deus no pensamento de Comblin. A segunda parte foi apresentada o conceito de Conversão como um processo para o Reino de Deus, chegando a uma conclusão que a conversão não é um ato definitivo e sim um processo na vida do cristão. A mesma deve ser para o Reino de Deus e não para qualquer instituição religiosa. Além disso, para Comblin a conversão da sociedade acontece quando a mesma entra no movimento em direção à necessidade do pobre com amor prático e não somente de palavras.

**Palavras Chaves:** Conversão; Reino de Deus; Igreja; Amor e Pobre.

#### ABSTRACT

In this article on the theme "Concept of the Conversion in the thought of José Comblin", I tried to develop the concept of the proposed theme. The methodology adopted in the data collection was a bibliographical research. The question that guided this text was: what is the concept of conversion in the thought of José Comblin? With the answers obtained it was possible to develop the first part on the concept of the Kingdom of God in Comblin's thought. The second part presented the concept of Conversion as a process for the Kingdom of God, coming to a

---

\* Professor da Faculdade Latino Americana de Missão. Professor da Faculdade Teológica Sul Americana. Doutorando do Programa de estudos pós-graduados em Ciência da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5911703581780669>. E-mail: [pcappelletti@uol.com.br](mailto:pcappelletti@uol.com.br).

conclusion that conversion is not a definitive act but a process in the life of the christian. The same must be for the Kingdom of God and not for any religious institution. Moreover, for Comblin the conversion of society happens when it enters the movement towards the necessity of the poor with practical love and not only of words.

**Key Words:** Conversion; Kingdom of God; Church; Love and Poor.

## 1 INTRODUÇÃO

Em minha caminhada cristã e de ministério, particularmente a evangelização, durante muito tempo, teve um lugar importante nas reflexões e práticas pastorais. Porém, quando comecei um envolvimento modesto com as pessoas consideradas excluídas da sociedade, pude perceber, através desses encontros, que os problemas das mesmas sobrepujavam ao Deus da minha concepção “cristã”, pela qual tinha o maior zelo. Percebi que o meu pensamento sobre conversão estava reduzido somente a salvação dos meus pecados e a vida eterna e entrei em crise. Assim, eu precisava encontrar um caminho para entender melhor a crise pessoal que se instaurara. A mesma aumentou quando surgiram algumas perguntas, tais como: será que a conversão é somente para transformar o interior de uma pessoa e levá-la para a eternidade? Será que a conversão de uma pessoa é necessária somente para que a mesma seja inserida na igreja e, com isso, deveria seguir as regras instituídas para ser salva? Quem se converte precisa se envolver com a necessidade do próximo ou quando a pessoa se converte ela se torna melhor do que os pecadores? O convertido precisa mudar sua forma de viver? Motivado a conhecer mais sobre esse assunto e pelo fato de certos cristãos não se importarem com as diferenças sociais existentes na sociedade, resolvi me aprofundar sobre o tema através do pensamento de Comblin. Sabendo que o mesmo não escreveu nem um livro e nenhum artigo sobre o assunto. Porém, o pensamento sobre este conceito perpassa por vários escritos de sua autoria.

Diante disso, deve se afirma que o pensamento de Comblin sobre a conversão é diferenciado de alguns pensadores tanto católicos como protestantes. Pois, para ele a conversão leva a pessoa ao movimento de cooperar com o necessitado e este movimento pode ser denominado Reino de Deus. A ação dessa transformação se trata de impulsionar o ser humano a ter uma reação contrária a todas as diferenças e



indiferenças existentes no mundo. O convertido assume como desafios para sua própria vida lutar pela justiça com base no Reino de Deus. A pessoa se transforma em promotor do Reino e da justiça por encontrar com o Cristo e, assim, modifica a maneira de viver segundo as atitudes e ensinamentos de Jesus. No entanto, existe a conversão à Instituição (igreja) que também altera nossa vida, segundo seus dogmas e costumes, mas essa transformação faz com que o ser humano continue no seu *status quo*, não se importando com as injustiças e indiferenças existentes.

Existe uma diferença entre se converter à Igreja enquanto instituição e se converter ao Reino de Deus. Desta forma, este artigo abordará em primeiro lugar sobre o que Comblin entende sobre o Reino de Deus e em segundo lugar dissertará sobre a conversão como um processo para o Reino de Deus. Sabe-se que este artigo não dará conta de discutir tudo o que abrange este assunto. Porém, espera-se que seja uma contribuição para incitar a reflexão em relação à necessidade de mudança de pensamento sobre o conceito de conversão.

## **2 ENTENDENDO O REINO DE DEUS NO PENSAMENTO DE COMBLIN**

Para se obter uma ideia clara sobre o conceito de conversão ao Reino de Deus no pensamento do autor citado, se faz necessário primeiro apresentar o pensamento de alguns teólogos sobre Reino de Deus. Segundo, observar o que Comblin pensa com relação a estes pensamentos.

No desenvolvimento do pensamento sobre o termo Reino de Deus, inúmeros teólogos, por vários séculos, discutiram sobre o tema e o definiram de diferentes maneiras. Queremos destacar alguns deles, tais como: mensagem libertadora no amor ao inimigo é a essência de toda a mensagem e do anúncio de Jesus consistiria na sua experiência e proclamação de Deus como Pai (COMBLIN, 2009, p. 53). A ênfase no Reino de Deus tem em mente o espaço e a nova ordem de todas as coisas segundo as instruções de Deus e fala do futuro desse Reino. Nos tempos de Paulo, a expressão “Reino de Deus” tem sua equivalência ao termo chamado “o Caminho” como figura de um movimento do protocristianismo, seu modo de viver e sua razão de o ser (WRIGHT, 2008, p. 692). O Reino de Deus é a proclamação central no anúncio de Jesus e “aos pobres é anunciado o evangelho”, diz Jesus na sinagoga de



Nazaré. É um texto muitas vezes citado, J. Jeremias comenta: “O Reino pertence unicamente aos pobres (JEREMIAS, 2000, p. 142)”. Se for assim, Reino de Deus e os pobres são correlativos. Não se pode falar de Reino sem levar centralmente em conta os pobres. E isso significa, por sua vez, que não há Reino se os pobres não estiverem em seu centro. O Reino de Deus não consiste em resultados visíveis como estamos acostumados a fazer, colocando metas a serem alcançadas. Mas, para Comblin o Reino de Deus é um mundo em que Deus reina, pessoas sobre as quais a justiça e a misericórdia de Deus se manifestam. Para que Deus reine não é necessário passar para outro mundo diferente, Deus vem a este mundo em nosso meio, nos atos da vida cotidiana, ele é capaz de fazer dos atos da vida humana os instrumentos de seu Reino (COMBLIN, 2010, p.18). Deve-se dizer também que o Reino não será implantado totalmente nesta terra por causa das inconsistências humanas, mas será implantado parcialmente como um sinal, assim afirma Sung:

A realização apenas parcial do reino na sociedade tornando-a mais justa e solidária, onde o povo tem mais vida, mostra que há uma diferença qualitativa entre o reino de Deus e as realidades históricas, apesar de não haver entre eles uma posição ou contraposição. A realização parcial do reino na sociedade mais justa sinaliza como diz corretamente o texto, o reino definitivo, mas não é uma etapa no caminho de sua realização completa. Pois se fosse uma etapa de etapa em etapa, chegaria uma hora à plenitude do Reino e deixaria de ser apenas um sinal antecipatório e o reino caberia plenamente no interior da história (SUNG, 2010, p. 122).

Bosch, ao citar Alfred Loisy diz: “Jesus predisse o Reino e foi a igreja que veio” (BOSCH, 2007, p. 74). Essa afirmação nos leva a pensar que a própria comunidade de Jesus não entendeu suas aspirações. Portanto, o Reino de Deus se reconhece nos evangelhos como uma realidade histórica na pessoa de Jesus Cristo, apesar dos discípulos não entenderem. Comblin analisa através de um artigo inédito essa falta de entendimento, quando diz:

Alguns entenderam que Jesus lhes daria essa libertação por um grande ato de violência destruindo toda a classe dos dominadores. Esperaram que Jesus fizesse o que muitos em Israel achavam que seria a obra do Messias. Não aconteceu assim. Houve discípulos desanimados com a morte de Jesus porque não tinha sido o Messias esperado por eles (COMBLIN, 2011).



De acordo com Moltmann, há uma força sobrenatural do Reino, que faz com que os pobres se levantem por si e vençam os obstáculos que foram colocados pela sociedade:

O Evangelho não traz nem feijão nem arroz, mas, sem dúvida, a certeza de sua dignidade indestrutível aos olhos de Deus. Com essa consequência: pobres, escravos e prostituídos podem erguer-se do pó e ajudar-se a si mesmos. [...] O Evangelho do reino de Deus, que pertence aos pobres, supera esse ódio próprio e ergue os pobres, de forma que podem viver de cabeça erguida e apresentar-se de porte ereto. Deus está do lado deles e a eles pertence o futuro de Deus (MOLTMANN, 2009, p. 145).

Parece que para autor acima, o Reino de Deus tem uma força que se permite atuar sem nenhum articulador humano. Pois, o autor usa o termo “ajudar-se a si mesmo”, levando o leitor a entender que existe possibilidade de não depender de ninguém, sendo autossuficiente. No entanto, o Reino de Deus sempre se revelará na dependência do outro. Desta forma, para Comblin também existe uma força, e mesma vem do Espírito Santo, mas o seu papel é colocar o cristão em movimento para cooperar com o próximo (COMBLIN, 2008).

Por isso, o propósito central do NT é mostrar que, com a vinda do Messias, um novo tempo é instaurado e, através da pessoa de Jesus Cristo e de sua obra o Reino de Deus tornou-se uma realidade (PADILLA, 2005, p. 142) e se desenvolve na terra entre os homens. Bosch afirma sobre esta realidade:

[...] o reinado de Deus não é entendido como exclusivamente futuro, mas como tanto futuro já presente. Hoje em dia, dificilmente podemos apreender a dimensão verdadeiramente revolucionária do anúncio de Jesus de que o reinado de Deus está próximo e está, na verdade sobre seus ouvintes. Algo totalmente novo está acontecendo: a irrupção de uma nova era, de uma nova ordem da vida. A esperança de libertação não é uma canção distante sobre o futuro remoto. O Reino futuro invade o presente (BOSCH, 2007, p. 53).

Bosch afirma outra forma de interpretar o Reino de Deus, enquanto alguns teólogos reiteram sobre o Reino que se irrompe “agora e ainda não”, o autor diz a respeito do “Reino futuro que invade o presente”, levando o leitor a pensar que há algo que acontece na atualidade; não basta crer que o Reino está chegando. Além disso, Comblin afirma que é preciso saber reconhecê-lo nas aparências humildes de sua



presença atual (COMBLIN, 2010, p. 14), que se revela no movimento em prol e benefício do pobre, pois o Reino de Deus está além das palavras, está nos evangelhos que declaram as intervenções de Jesus na vida dos pobres e oprimidos (COMBLIN, 2007, p. 130), ou seja, o movimento de Jesus é de ir até os descartáveis da sociedade. Portanto, o Reino de acordo com Comblin não consiste somente em palavras, mas em um movimento de amor prático ao próximo (COMBLIN, 2007).

De acordo com Comblin o evangelho de Jesus não é uma religião. Jesus não fundou nenhuma religião, não proclamou uma doutrina religiosa ou mitologia, nenhum discurso sobre Deus, e não encontrou qualquer religião, pois a mesma trabalha para harmonizar a crise entre ricos e pobres. A religião quer paz mesmo à custa de aliança com os poderosos. O evangelho para Comblin é conflito entre ricos e pobres, é opção entre ricos e pobres (HOORNAERT, 2012, p. 34). Jesus proclamou e inaugurou o Reino de Deus na Terra, os apóstolos que enviou eram leigos sem missão religiosa, mas com a missão de anunciar o Reino de Deus, o qual não era um reino nas almas, mas um Reino sobre as pessoas, nesta terra primeira, antes da nova terra. Assim, é possível afirmar que o Reino de Deus não é o domínio religioso, mas é uma renovação de toda a humanidade, nesta terra e não na terra que há de vir. Uma realização que muda o sentido da história humana e também um apelo do próprio Deus, que através das ações de Cristo reveladas ao homem, para se dedicar ao serviço em prol do outro:

O evangelho não é de estilo expositivo: não é ensino acadêmico. Não é de estilo narrativo: não é leitura, menos ainda explicação do evangelho. Menos ainda, de estilo teológico. O evangelho é sempre um apelo. Um apelo dirigido pelo próprio Deus: apelo para aceitar o amor de Deus e viver nele e dele. O critério de autenticidade do evangelho está no efeito produzido; nos serviços que produz. Se produz uma vida de serviço ao outro, foi autêntico. Se não produzir, não foi autêntico (COMBLIN, 1988, p. 31).

David Bosch declara que o ministério de Jesus referente ao Reino desencadeia um ataque geral ao mal em todas as suas manifestações. O reinado de Deus chega a toda parte onde Jesus supera o poder do mal (BOSCH, 2007, p. 53). Portanto, o Evangelho é o anúncio da vitória de Jesus sobre a morte que é o ápice do mal. Vitória supõe combate prévio, a morte e a ressurreição do Salvador são precisamente combate, cujo desfecho é a vitória de Deus (COMBLIN, 1965, p.144). Diante disso é possível afirmar que o Evangelho é anunciar que “Jesus ressuscitou”, e com isso



afirmar que Jesus venceu a morte e a injustiça. Nesse caso, na ressurreição há uma implicação importante, pois, o anúncio da ressurreição nunca se faz sem a recordação da morte de Cristo. Dessa maneira, se a ressurreição é atribuída a Deus, a responsabilidade da morte do Salvador recaiu sobre os homens. Assim, para entender o conceito de conversão, se faz necessário compreender que se a ressurreição venceu a morte, então tudo que se levanta contra a vida estará indo contra o evangelho, ou seja, todo o sistema que gera morte é contra o evangelho. Portanto, o processo de conversão em uma pessoa, além de gerar vida para este cristão, deve impulsioná-lo para o movimento, que é o Reino de Deus, levando vida aos que estão morrendo antecipadamente devido à injustiça, ou seja, aos pobres e rejeitados. Levando em consideração que a vida verdadeira não tem somente uma conotação interna e espiritual, Comblin nos concede um pensamento sobre a ressurreição e deixa claro que aquele que ressuscita com Cristo deve ter a mesma atitude dele, ou seja, lutar, cooperar para salvação dos homens e recriar sistemas que gerem vida, para aqueles que ainda não conseguiram obter vida. Este deveria ser o combate de todos os cristãos convertidos e deveriam assumi-los como seu. Combate tem conotação de luta, movimento em direção a uma conquista, esse movimento não é feito por uma guerra violenta e sim ao dividir a vida com aquele que não a possui. Em vista disso, Comblin afirma que este movimento tem uma direção ao outro e deve ser com compaixão. Além disso, o movimento tem um objetivo claro, nos revelar a pessoa de Deus:

De acordo com o evangelho, o encontro com Deus realiza-se no encontro com o homem, de modo particular no encontro com o outro, com o pobre, com o marginalizado, com o rejeitado. O Evangelho é a experiência de Deus na aproximação com o outro. O que Jesus ensina é o encontro com Deus não pela mente ou por atitudes interiores, e sim pelo agir concreto, pelo amor ao próximo que é serviço (COMBLIN, 1996, p. 15).

Bosch deixa claro que o Reino deve ser uma realidade na vida dos oprimidos e não deve ser somente uma esperança pós-morte. Portanto, Reino de Deus e cristologia estão inseparavelmente ligados. Desta forma, afirma-se que quando a pessoa conhece a Jesus, conhece também o Reino de Deus. Ninguém pode dizer que conhece o cristianismo sem que tenha a consciência de qual é a ação que revela o Reino de Deus que é a cooperação com o miserável da terra. Galilea afirma: “Não



digo que é o único aspecto que identifica o Reino, ou seja, o sentido de cooperar com pobre, mas é parte essencial do cristianismo” (GALILEA, 1979, p.16) e do Reino de Deus. Leonardo Boff reitera, “Jesus prega, presencializa e inaugura este Reino” (BOFF, 1980, p. 35). Na verdade, em Jesus se cumpre toda a esperança messiânica, ou seja, a implantação de um novo Reino, onde os oprimidos seriam livres, os doentes seriam curados e os pobres resgatariam sua dignidade e sua esperança de viver melhor. Boff declara sobre esta implantação e a realidade desse Reino de Deus:

Reino de Deus é a revolução e a transfiguração total, global e estrutural desta realidade, do homem e do cosmos, purificados de todos os males e repletos da realidade de Deus [...]. No Reino de Deus a dor, a cegueira, a fome, as tempestades, o pecado e a morte não terão mais vez [...]. Cristo veio para sanar toda a realidade em todas as suas dimensões, cósmicas, humana e social [...]. A intervenção de Deus já (foi) iniciada, mas ainda não totalmente acabada [...]. A pregação do Reino se realiza em dois tempos no presente e no futuro (BOFF, 2004, p.62, 66, 67, 69, 74).

O autor remete a pensar que na implantação do Reino de Deus, que se inaugura em Cristo e que não está acabado, os pesos das diferenças sociais são aniquilados e as pessoas podem presenciar a igualdade entre elas, se tornando conhecedoras de sua dependência do próximo e de Deus. Portanto, pode-se dizer que o Reino consiste em que seus cidadãos imitem seu Rei e se tornem iguais nas suas atitudes, ações que transformem as estruturas e o próprio homem através do amor ao próximo. Este pensamento é reforçado pelas ideias de Jon Sobrino:

Deus não é um ser egocêntrico, mas sai de si para amar, recriar, salvar e humanizar os homens. O que homem pode fazer é viver da própria vida de Deus, isto é, fazer da história o que está expresso na essência da realidade de Deus: ser amor, re-criador, salvador, doador da vida. Esta mudança consiste em não centrar-se nem egocêntrica nem egoisticamente em si mesmo, mas em abrir-se aos outros em sua atividade salvadora, re-criadora, consiste em ser para outros, numa existência que seja pró-existência, em serem homens para os demais. Em outras palavras, consiste, na prática do amor. Fora disso, não se pode entrar no reino. Sem uma direção salvadora para o outro, não há correspondência ao reino de Deus (SOBRINO, 1982, p. 55 e 56).

Sobrino deixa claro que o cristão deve fazer parte da salvação do outro e não somente uma salvação eterna e individual e, sim, completa, cooperando em suas necessidades através do amor ao próximo, se abrindo para eles a ponto de fazer parte do Reino de





Deus. Ou seja, não se faz parte do Reino se não tiver amor prático ao outro, tornando seu semelhante feliz a ponto da felicidade tomar conta daquele que coopera e do que foi beneficiado.

Comblin, além de concordar com a citação do autor acima, tem algo a acrescentar na concepção de felicidade que é diferente do mercado e da publicidade. Estes dois últimos anunciam que, para uma pessoa ser feliz, ela precisa consumir e acumular recursos financeiros, ou seja, pensar somente em si mesma. No entanto, a felicidade tem sua origem na busca e na luta para se instalar o Reino de Deus na caminhada e na força do Espírito Santo:

A felicidade não consiste em se conformar, nem em aceitar tudo com resignação, mas em buscar ativamente o objeto das promessas. Com a força do Espírito é possível conquistar esses bens na terra, ainda que seja de forma precária e incompleta – mas essa busca constitui a felicidade. A felicidade consiste em buscar o reino de Deus, lutar e trabalhar para instalar esse reino pela graça do Espírito Santo (COMBLIN, 2007, pp. 60-61).

O Reino de Deus para Comblin consiste em ser objeto do evangelho, não consiste numa estrutura nova. Não está ainda realizado de uma forma definitiva; é um movimento contínuo e sempre em renovação.

Melhor seria dizer: a conquista ou reconquista de Deus. O evangelho proclama que Deus empreendeu a reconquista do mundo, para refazer o seu reino; essa reconquista durará até o fim da história. O evangelho anuncia que o mundo deixou o estado de inércia para engajar-se no movimento de libertação, que é o próprio Reino de Deus e que se manifesta através da luta, do conflito permanente, da superação do passado, da luta pela instauração de um novo mundo (COMBLIN, 2010, p.10).

Então, pode-se dizer que o Reino de Deus não cai do céu, este reino não acontece após a morte da pessoa, como alguns pensam, nunca é o produto de forças celestiais capazes de prescindir de uma atuação humana. Os atos do Reino de Deus são atos aos quais a pessoa se compromete totalmente com a libertação do pobre, sem isso, não existiria o Reino de Deus (COMBLIN, 2010).



### 3 A CONVERSÃO COMO UM PROCESSO PARA O REINO DE DEUS

A definição de conversão para o NT é mudar de vida, mudar de atitude, como está escrito no *Diccionario Exegético*: é caso de mudança moral de uma pessoa, os termos se referem a um caso concreto, de importância decisiva para a compreensão neotestamentária (BALZ e SCHNEIDER, 1988 p. 250). Segundo Wayne Grudem conversão é:

nossa resposta espontânea ao chamado do evangelho, pela qual sinceramente nos arrependemos dos nossos pecados e colocamos a confiança em Cristo para receber a salvação. Para Grudem a palavra conversão significa “volta”- aqui ela representa uma volta espiritual, voltar-se do pecado para Cristo. O voltar-se do pecado é o chamado ao arrependimento e o voltar-se para Cristo é chamado fé (GRUDEM, 1999, p. 592).

Para os autores acima e para outros pensadores protestantes a conversão está em âmbito somente espiritual e moral, para a salvação eterna e definitiva, pois é uma ação que acontece de uma vez por todas na vida da pessoa, mostrando assim uma transformação imediata.

No entanto, de acordo com Comblin a conversão deve ser uma ação que leve o convertido ao Reino de Deus, ela não é um ato definitivo na vida do cristão e sim algo mais amplo, que deve ser levado a sério. Desta forma, o autor afirma que “os cristãos são pessoas em processo de conversão do pecado para santidade” (COMBLIN, 1983, p. 109). Esta santidade não deve ser entendida como separação entre santos e pecadores e, sim, compreendida como identificação com os diferentes: pobres, excluídos, sofridos e marginalizados, ou seja, os pecadores. Logo, pode-se dizer que ao conhecer, se identifica ao ponto de não se conformar com a situação do outro, tomando uma decisão de ajudar concretamente. Desta forma, a proposta é uma conversão progressiva que leva o convertido a assumir um serviço prático no movimento que é o encontro com o outro mais necessitado, podendo ser definido como Reino de Deus.

Este pensamento é orientado na direção da necessidade humana da conversão onde quer que ela se encontre, seja: dentro e fora da Igreja, entre os respeitáveis e os



miseráveis, os cristãos e os não cristãos, os moços e os idosos, os intelectuais e os não intelectuais, os de moral e os imorais; ele é dirigido à necessidade humana, e essa necessidade é universal.

A conversão de uma pessoa deixa de ser verídica se esta permanecer centrada em si mesma, afirmando sua independência. Assim, se observa a vida denominada egocêntrica, individualista ao ponto de satisfazer somente os seus desejos, sem pensar no seu próximo.

Além disso, a conversão não pode ser comparada ao proselitismo<sup>1</sup>, pois, degrada o conceito fazendo confundir a conversão exclusivamente com o estar dentro da igreja, e o não convertido por estar exclusivamente fora da Igreja. Tal pensamento apenas nos faz permanecer neste erro fatal.

Boff afirma que para o documento da reunião da terceira Conferência dos Bispos latino-americanos realizada em 1979<sup>2</sup>, a conversão é uma opção que desemboca no serviço ao pobre, requer de fato conversão e purificação constante dos cristãos para conseguir uma identificação cada dia mais plena com o Cristo pobre e com os pobres (BOFF, 1980, p.130), pois se observa as diferenças sociais aumentando e um abismo se formando entre as classes sociais. Portanto, o processo de conversão é o caminho do discipulado verdadeiro, que sofre com o descuido dos despossuídos e miseráveis. Assim, pode se afirmar juntamente com Bonhoeffer: “o discípulo que não sofre se sente, ou passa a estar acima do seu Senhor e o discípulo sem cruz deixa de ser seguidor de Jesus Cristo” (APUD PADILLA, 2009, p. 94).

---

<sup>1</sup>Proselitismo é a ação ou empenho de tentar converter uma ou várias pessoas em prol de determinada causa, doutrina, ideologia ou religião. Ou seja, é a ação de levar uma pessoa de uma religião para outra.

<sup>2</sup>A Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Puebla de Los Angeles, no México no período de 27 de janeiro à 13 de fevereiro de 1979. O encontro teve como preocupação básica: o que é evangelizar, hoje e amanhã, na América Latina? A missão fundamental da Igreja é evangelizar, hoje, aqui, de olhos abertos para o futuro. Em sua Mensagem aos Povos da América Latina, os bispos delegados afirmavam que uma das primeiras perguntas que surgiram na reunião eclesial foi: “Vivemos de fato o Evangelho de Cristo em nosso continente?” Apesar de reconhecer a existência de “grande heroísmo oculto” e “muita santidade silenciosa, confessavam que “o cristianismo”, que traz consigo a originalidade do amor, nem sempre é praticado em sua integridade nem mesmo por nós cristãos”. Clamam então à conversão e à instauração de uma civilização do amor inspirada por Jesus Cristo, pois “o amor cristão ultrapassa as categorias de todos os regimes e sistemas, porque traz consigo a força insuperável do Mistério Pascal, o valor do sofrimento da cruz e as marcas da vitória e da ressurreição”.



Gutiérrez apresenta uma breve síntese bíblica do anúncio de Deus na história, a evolução dos compromissos e da reflexão cristã dos últimos dez anos, lembrando que estes escritos foram publicados em 1979, época da ditadura e do sistema opressor na América Latina. O autor introduz posições sobre a conversão que perduram até hoje, pois a conversão se tornou somente uma atitude espiritual, moral e emocional em alguns casos, porém:

[...] não é um gesto realizado de uma vez por todas, ela implica em uma expansão e desenvolvimento, processo inclusive doloroso. Trata-se de uma caminhada na qual se cresce em maturidade.” [...]. “Converter-se para acolher o Reino de Deus, Mas a conversão também constitui uma exigência para proclamar com veracidade a Boa Nova. Mostrando-se sensível ao aspecto das necessidades dos pobres (GUTIÉRREZ, 1984, pp.108 e 230).

A conversão é entendida como um processo quando a pessoa assume responsabilidade diante da sociedade. Quando o fenômeno da conversão acontece na vida da pessoa, certamente a via dolorosa da vida cristã, nos levará a assumir responsabilidade em acolher o Reino e se sensibilizar pela causa dos oprimidos da sociedade. Gutiérrez sugere que o convertido tem autoridade para falar do evangelho ao se converter e inicia uma ação transformadora nesta sociedade desigual, abrindo-se para o próximo, Comblin compartilha através dos seus escritos que: “a conversão não é para ser vivida somente no interior e para ter uma vida privada (COMBLIN, 1973, p. 63)”. A conversão faz com que a pessoa se desabroche para a sociedade e se preocupe com o outro, tornando assim o Reino de Deus visível, faz com que reflita a sua autenticidade quando resulta em uma vida dependente de Deus, interdependente dos outros e de toda a criação de Deus, tornando-se participante do movimento que deixa sua conformidade e se aproxima do outro, tendo como objetivo viver, dando sentido à vida, que é dedicar-se ao trabalho de levar homens e mulheres ao Reino de Deus (COMBLIN, 2007).

A conversão é um negar-se a si mesmo ao tomar sua cruz e segui-lo, permanecer em movimento para socorrer o outro. Logo, é algo que dinamiza a vida, faz com que o ser humano tenha outra visão de sua própria vida e do outro que sofre, tal como Comblin afirma:



Jesus chama e reúne discípulos e os prepara para refazer no mundo inteiro aquilo que ele mesmo faz. Desperta para a espera do reino de Deus e pede uma conversão, uma mudança. Qual é essa conversão? Mudar de vida, dedicar-se a anunciar o reino de Deus a todos. Fundar uma vida social de irmãos na qual ninguém domina nem explora outros. Nessa vida ninguém quer ser o primeiro, mas todos querem ser servidores dos outros. Os discípulos vão começar essa vida entre eles e convidar os outros a fazer a mesma coisa. É algo muito simples e muito difícil de ser aceito. Como acreditar que esse método possa ser eficaz? No entanto, a história mostra que tem eficácia, sempre parcial, precária, provisória, que é preciso sempre recomeçar, mas que alguma coisa acontece. Jesus não prometeu a realização completa da libertação, mas ensina a buscá-la nesta terra, nesta vida, acreditando nela. Isso é ter fé. Ter fé é acreditar que fomos chamados para construir o reino de Deus no mundo tal como é, sem violência, sem dominação e que o método de Jesus vale (COMBLIN, 2011).

A conversão para Comblin vai além de um gesto cultural e definitivo na vida do cristão, o autor acredita na conversão processual. Para Comblin isto consiste em uma rejeição do antigo sistema religioso para adotar o ensinamento de Jesus. Converter-se é trocar a lei antiga pela nova lei, contida no ensinamento de Jesus (COMBLIN, 2007, p.130), substituindo o modelo de vida antiga pelo novo modelo. Isto coloca a conversão como exigência simples e muito difícil, que tem um compromisso em anunciar o Reino através de práticas solidárias, desembocando em uma política econômica, social igualitária sem autoritarismo. Essa conversão deve produzir vida aos outros, convidando-os a fazerem parte de uma vida nova, ou seja, sem violência e através do Espírito Santo. Portanto, a conversão além de ser um processo é a possibilidade de oferecer ao ser humano uma maneira de poder vivenciar e cooperar neste mundo para irrupção de outra sociedade que pode ser vivida nesta terra com os valores do Reino de Deus, transformando-se em práticas concretas. Lohfink corrobora com o mesmo pensamento:

[...] a conversão que ele exige como consequência de sua mensagem do Reino de Deus quer desencadear, dentro do povo de Deus, um movimento, frente aos quais as revoluções costumeiras são bagatelas. Pensemos, por exemplo, no apelo de Jesus para a não-violência absoluta. Esta não-violência não é de modo algum, uma atitude meramente interior; trata-se de práxis concreta. Também não é apenas assunto do indivíduo; pressupõe homens que em conjunto levam a sério esta não-violência. Isto é ainda mais claro no fato da renúncia à dominação! Não-violência e renúncia ao domínio só se podem realizar no contexto da realidade social, e elas querem transformar exatamente esta realidade. O apelo de Jesus a não-violência e à renúncia à dominação já implica, portanto, a perspectiva



de uma nova sociedade, que está em contraste nítido com as sociedades do mundo, marcadas pela violência e desejo de domínio (LOHFINK, 2011, p. 183).

Essa conversão é uma proposta de mudança radical de vida a ponto de modificar a sociedade onde o ser humano está inserido, contrastando a atual e não se adaptando a ela. A conversão para Jesus está objetivamente articulada com o Reino de Deus, por ele anunciado e presentificado pela sua prática (NEUTZLING, 1986, p.146). Essa prática deve ser a do amor ao inimigo, conforme denominada por Comblin como conversão qualitativa, ou seja, é o sinal da essência da conversão:

Para passar do amor vivido diariamente ao amor aos inimigos e aos que são diferentes, precisa-se passar por uma conversão qualitativa. Não basta aumentar a dose de amor aos semelhantes, aos que estão perto para entrar no amor aos inimigos. Trata-se daquilo que o evangelho chama de conversão (COMBLIN, 2007, p. 149).

Para Comblin, a conversão conduz a pessoa para algumas direções e uma delas é amar seu inimigo, estar reverso à violência, se comprometer com uma posição nova diante da sociedade e de suas regras, mas sem perder de vista a necessidade dos pobres e cooperar com os mesmos. Galilea aprendeu com sua experiência e reitera a ideia supracitada:

A experiência permanente nos ensina que quando um cristão ou grupo de cristãos inicia sua conversão, começa a levar a sério sua própria fé, delineando-se em seguida, o problema dos pobres que os cercam. Que fazer por eles, como comprometer-se, como compartilhar e solidarizar-se com eles? As formas de ação nem sempre podem ser as mais maduras e adequadas; o interessante é a percepção religiosa do compromisso com os pobres como elemento essencial do itinerário da conversão (GALILEA, 1979, p. 28).

Desta forma, juntamente com Comblin se afirma que a conversão é genuína quando está diretamente ligada ao movimento denominado ao Reino de Deus e o movimento tem um objetivo certo, a cooperação de libertar o pobre de sua pobreza.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A concepção sobre o conceito de conversão entre os evangélicos protestantes sempre foi definitivamente absoluta como um ato definitivo da pessoa através do



arrependimento produzido pelo próprio Deus. No entanto, quando se observa hoje as pessoas que se dizem convertidas ao cristianismo, ou melhor dizendo, aos cristianismos se percebe a falta de envolvimento com os sofridos e descartáveis da sociedade, ou seja, a insensibilidade continua imperando na vida do ser humano da atualidade. Na verdade, esse envolvimento deveria se desdobrar em práticas que transformasse a sociedade injusta e egoísta em uma sociedade parecida com os valores do Reino de Deus.

Desta forma, quando se encontra com o pensamento de Comblin sobre a conversão, deve-se questionar o absolutismo protestante sobre o ato definitivo e eterno dessa conversão. Pois, para Comblin se o cristão deixar de mudar sua vida o mesmo deixa de ser cristão.

Então, a conversão para o autor supracitado abrange algo diferenciado para os cristãos que desejam seguir o mestre Jesus através do evangelho na atualidade, Essa conversão processual para o Reino de Deus requer um movimento em direção das necessidades do pobre e desvalido. Assim, as pessoas deixariam a sua desumanidade e assumiriam a humanidade proposta através dos evangelhos.

## REFERÊNCIAS

BALZ, Horst e SCHNEIDER, Gerhard. **Diccionario Exegético del Nuevo Testamento**. Salamanca, Espanha: Ediciones Sigueme S.A, 1988.

BOFF, Leonardo. **A Santíssima Trindade é a melhor comunidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **O caminho da Igreja com os oprimidos do vale das lágrimas à terra prometida**. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1980.

BOSCH, David J. **Missão Transformadora: Mudanças de paradigma na teologia da Missão**. São Leopoldo, RS: Editora EST e Sinodal, 2007.

COMBLIN, José. **A fé no Evangelho**, São Paulo: Paulus Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. **A Igreja e sua missão no mundo**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

\_\_\_\_\_. **A oração de Jesus**. São Paulo: Paulus Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. **A Ressurreição**. São Paulo: Editora Herder, 1965.

\_\_\_\_\_. **A vida em busca de liberdade**. São Paulo: Paulus Editora, 2007.



- \_\_\_\_\_. **Evangelizar**. São Paulo: Paulus Editora, 2010.
- \_\_\_\_\_. **O Espírito Santo e a libertação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.
- \_\_\_\_\_. **O Espírito Santo no Mundo**. São Paulo: Paulus Editora, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Pastoral Urbana o dinamismo na evangelização**. São Paulo: Editora Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Teologia da Missão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Viver na Cidade, Pistas para a Pastoral Urbana**. São Paulo: Paulus Editora, 1996.
- GALILEA, Segundo. **O sentido cristão do pobre**. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.
- GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. **A força histórica dos pobres**. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.
- HARWTHORNE Gerald, MARTIN Ralph e REID Daniel G. **Dicionário de Paulo e suas Cartas**. São Paulo: Edições Vida Nova, Paulus Editora e Edições Loyola, 2008.
- HOORNAERT, Eduardo. **Novos Desafios para o Cristianismo a contribuição de José Comblin**. São Paulo: Paulus Editora, 2012.
- JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Teológica, 2000.
- LOHFINK, Gerhard. **A Igreja que Jesus queria: Dimensão comunitária da fé cristã**. São Paulo: Editora Academia Cristã, 2011.
- MOLTMANN, Jürgen. **O Caminho de Jesus Cristo**. São Paulo: Editora Academia Cristã, 2009.
- NEUTZLING, Inácio. **O reino de Deus e os Pobres**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- PADILLA, Carlos René. **Missão Integral Ensaio sobre o Reino de Deus e a Igreja**. Londrina: Editora Descoberta, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O que é Missão Integral?** Viçosa: Ultimato, 2009.
- SOBRINO, Jon. **A Ressurreição da Verdadeira Igreja**. São Paulo: Edições Loyola, 1982.
- SUNG, Jung Mo. **Deus em Nós, O reinado que acontece no amor solidário aos pobres**. São Paulo: Paulus Editora, 2010.
- WRIGHT, N. T. **La Resurrección del Hijo de Dios**. Navarra, Espanha: Editora Verbo Vivo, 2008.





COMBLIN, José, **Os pobres e a libertação**. *Artigo inédito de José Comblin*  
<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/42086-os-pobres-e-a-libertacao-artigo-inedito-de-jose-comblin>, de 4 de abril 2011, acessado em 04.02.2018.

